



PARISIENSES: Mademoiselle Djin d'Irroy  
(Cl. Ché Reutlinger)

Segunda série — N.º 433

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 8 de Junho de 1914

Director e proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:

Redacção, administração, offic. de composição  
e impressão: RUA DO SECULO, 43

Edição semanal do jornal  
O SECULO

Trimestre...	1\$20 cent.	Numero avulso
Semestre...	2\$40	10 centavos
Ano.....	4\$80	

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

# O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

## Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas aplicações práticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.



que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.



## O ALIMENTO IDEAL

dos velhos, dos anemicos, dos convalescentes,  
dos exhaustos, é o

# PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

O MAIS REQUINTADO DOS ALMOÇOS  
O MAIS PODEROSO DOS RECONSTITUINTES

Aconselhado por todos os medicos aos que soffrem do estomago

REMESSA GRATUITA

De uma caixa para experiencia

Deposito: FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hispanha)  
Mercenarias, Pharmacias e Drogarias

# Sederias Lucerna

Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suíssa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedis de soizêde garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E II (Suíssa)  
Exportação de sedas.

## A ANTIGA COTA DE MALHA

Era uma armadura contra  
os golpes...

## A NOVA CAMISOLA

## DE MALHA

DO DOUTOR RASUREL

E' uma armadura contra  
os resfriados...

UNICOS DEPOSITARIOS:

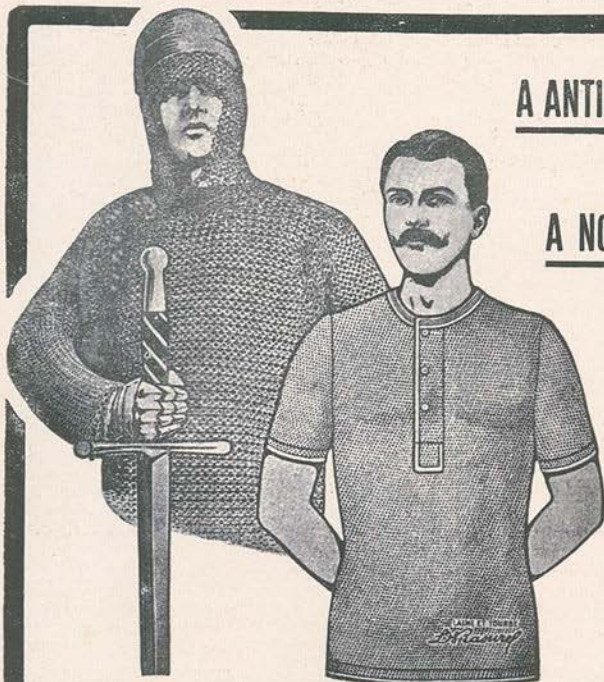
LISBOA:

Casa Pitta & C.<sup>a</sup>, 195, R. Augusta, 197

PORTO:

Casa "Paris no Porto"

144, R. Sá da Bandeira, 146



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

8 - 6 - 1914

N.º 433

## Dia de Camões

Passa depois de amanhã, 10 de junho, o dia consagrado a Camões. N'essa figura barbiruiva e agreste, formidável de genio e de desgraça, que blasonou de «uma serpente de prata sobre campo verde» e morreu de fome como um cão, — o povo portuguez vae, uma vez ainda, glorificar o mais representativo dos grandes nomes nacionaes. E, entretanto, se um estrangeiro nos perguntar amanhã quem foi, na verdade, Camões, — não lhe saberemos responder. Morto ha pouco mais de tres seculos, — a sua vida, a sua historia, o seu verdadeiro drama humano são quasi desconhecidos para nós. Resta d'ele, quando muito, uma lenda remota, um espectro vago e luminoso. De exacto, de preciso, de indubitavel, — sabemos apenas que é ele o autor do livro que hoje menos se lê em Portugal.



## O naufragio

Um grande paquete, o «Empress of Ireland», caminhando em pleno nevoeiro, é atingido por um barco carvoeiro norueguez, que o corta a meio e o afunda em dez minutos. O enorme navio, que ainda ha pouco resfolegava, atravez do oceano, os pulmões de ferro das suas fornalhas, submerge-se com mil passageiros. Uivam os ultimos gritos de pavor. O nevoeiro



adensa-se. O mar referve espuma e sangue. As lanternas vermelhas do «Storstad» desaparecem. São mil vidas que se perdem n'uma só tragedia instantanea e gigantesca. Irving morre. E sobre esse imenso cemiterio de agua, o egoismo dos interesses humanos vê apenas cinco milhões de francos em barras de prata, que é preciso arrancar, quanto antes, ás entranhas da carcassa submergida.

## Semana sangrenta

Em Coimbra morre um operario, crivado pelas «Browning» dos estudantes. Na Idanha, tres homens caem fuzilados pela tropa. Na Azambuja, o «Pandeireta», á frente de uma leva de trabalhadores amotinados, abate, 'u m charco de sangue. O sincronismo d'estes factos poderia levar-nos a suspeitar a ação do fermento politico. Parece, entretanto, provado que se trata de acontecimentos esporádicos, sem a menor correlação. A velha e nobre Coimbra, por onde ás vezes passa, sinistramente, a sombra negra do «Lyra», recobrou o seu grave socego doutoral.



## Novo Estoril

Por toda a parte surgem e se transfundem energias novas. O sr. Fausto de Figueiredo, homem de dinheiro e de ação, de talento e de audacia, propoz-se a obra admiravel de transformar o Estoril d'hoje — extenso pinhal rumoroso, a cujos pés, como um cachorro de pedra, dorme o antigo conventinho de franciscanos — n'uma estancia maritima, thermal, climaterica e sportiva moderna, com o seu grande casino, os seus hotéis monumentaes, a sua



«digue-promenade», os seus jardins de inverno, o seu vasto campo de «golf», tudo o que constitue, na vida europea hyper-civilisada, uma estação internacional de prazer, de luxo e de repouso. Com meia duzia de iniciativas inteligentes e de vontades fortes, Portugal, como a Suissa, tornar-se-ia em trinta anos uma potencia do turismo.

JULIO DANTAS

(Ilustrações de Hippolito Colomb).

# a malga da



# azeite

**D**e modo que a morte veio a ser para ele um remédio santificado.

Desde que a mulher lhe fugira com o cocheiro da carreira de Vila Nova, nunca mais na sua boca, que não fôsse resultado do vinho, se encontrou um sorriso de prazer ou de alegria. Ficára-lhe no fundo d'alma, pesada como uma pedra, essa impressão constante de remorso e ódio. De remorso, dizia, por tanto se haver humilhado deante d'ela, com lagrimas e promessas, quando o coração lhe principiou a adivinhar a fatalidade da fuga, que vinha próxima. De ódio, acrescentava, com um olhar violento de ameaça, pela ingratidão d'aquela a quem tratou com tanto afeto como às meninas dos seus olhos. Porém, de todo o mal o peor era esse permanente estado de embriaguez em que se arrastava, dispendioso, exaustivo, miserável, que já de todo lhe absorvera aquele seu tão antigo e tão vivo gosto de trabalhar e de forrar, e com o qual, aliás, grangeára na aldeia, em tempos idos, uma simpatia devotada, que ora se vinha transformando n'uma lastima de todos «á má sina do João ferrador».

Dia e noite na tásca, — sendo quasi sempre necessario lançá-lo á estrada, bebendo e pesado, quando já todos haviam partido e o relógio do armario marcava horas sobre o seu despertar impertinente da meia noite — esse homem, que em tantos anos todos conheceram lidador e caseiro, votára-se a uma vida de fumo e jogo e bebida, obsessiva e arruinadora, como quem n'ela antevê, com um interesse agudo e tenaz, um processo infalível e benéfico do suicídio.

Sobre as constantes libações da bebida, as brigas sucediam-se; e houve um periodo, d'aqueles que avisinharão a sua morte, em que as lutas, produto d'um acesso alcoolico evidente, se produziam dia a dia, com a violencia de que se revestem, em geral, todos os episodios do genero, antecedentes expressivos do crime. No momento do desafio, dizia-se, tinha visões que a colera e os gestos frisavam, proferindo de imprevisito o nome do amante da mulher, cuja figura, por virtude do seu estado de desorientação e colera, ele julgava estar vendo no contendor camponez que então, com tranquillidade, acamaradava com ele no jogo aceso da busca lambida. Logo, abrindo uma clareira em redor de si e propondo-se ao assalto, a sua nauvalha luzia, n'uma ameaça de ataque iminente. Braços de amigos abriam-se para ele, com franqueza e ternura; e rara era a vez em que estes não ti-

nam de o desarmar entre abraços, como a uma criança, sobre o desabafo nervoso do seu choro convulso e prolongado.

Na officina, durante um ou outro dia, cismava e fumava. Quando alguém lhe pedia o dinheiro de uma despeza em dívida, desatava então a trabalhar, amargurado por uma enorme recordação dos seus passados amores da familia e do trabalho. A febre, n'essas horas, aquecia-o poderosamente. Com o martelo em cima da bigorna batia rijo e de tal modo, que em toda a aldeia, nos campos, nos casaes, nas tascas e nas estradas, todo o mundo afimava, com ironia, que o ferrador estava batendo nos cravos a alma dissoluta da mulher. Aquelle trabalho era de sangue e fogo, como nenhum outro. Mas passada a crise, cançado e n'uma abstração que pronunciava a demencia, voltava a sentar-se no banco, desfolhava o cigarro, e então, com monossilabos pesados e um sacudir de hombros brusco e sêco, dialogava consigo proprio horas e horas, impassível ao sol que o batia de chapa e que, em redor, cristalisava as latadas das grandes casas de senhorio, já colmadas sobre os postes empedrados.

Tres anos d'aquella vida — vinho e jogo — alcoolisaram-no de modo a ter perdido, não já somente a vontade tão carinhosa do seu trabalho constante, mas a propria energia que durante um tão largo periodo da vida lhe garantira o pão e o conforto. A sua fisionomia transformára-se de um modo horroroso e estranho, tornando-se redonda e balofa, n'uma tonalidade oleosa de toucinho; o seu ventre, tão inversamente da segura antiga, desproporcionára-se, agora que o seu alimento se reduzia de um modo extremo; e, confessava ele, as pernas, as suas rijas e secas pernas, que outr'ora aguentavam um dia firme de trabalho, á bigorna, pesavam-lhe agora, tendo perdido toda a anterior destreza e vigor.

De modo que a casa chegou a ser, pela sua vida de invalido, um serviço piedoso de esmola; e as poucas vezes em que na tasca do Mauricio se alimentava com a tigela do caldo, era sempre ao convite generoso do tasqueiro, que nunca se esquecia de lhe oferecer, e impôr a maioria das vezes, um pouco d'aquilo que constituia o alimento da mulher e das filhas.

O vício do jogo é que ele nunca poderia perder, visto que essa era, de dia para dia, a unica receita da sua vida de beberão. Na tasca, da tarde até noite alta, juntavam-se os rapazes que depois do serviço militar de anos traziam para

o campo, n'um perigo moral evidente, os costumes da tavolagem e da tarimba, jogando os jornaes e as correntes de prata das antigas economias. O João ferrador, arrumado a um canto desde a manhã, esperava-os com a ansiedade própria da sua vida de vicioso. Sobre a meza das comidas, — um longo mezarão de pinho da terra enodado de vinho, — batiam-se as cartas com egoísmo e rancor, a meio de um silêncio atencioso dos curiosos. Dos comentários, ao fim de cada partida, provinham as lutas entre os parceiros da jogatina. E ainda n'aquela noite, que havia de ser a ultima da sua vida, o João, desconfiando que o haviam roubado na contagem dos tentos, jogou sobre os circumstantes, perdido no furor de uma bebedeira pesada e desorganizante, a caneca branca e cheia de vinho a que se jogavam as ultimas vasas d'aquela partida.

rava de quando em vez, a ruminar, com os olhos acesos de colera, uma vingança, á navalhada, n'um recanto de caminho, pela noite alta, quando os dois se estendessem abraçados e surrando-se n'uma cena de luxuria violenta e anciosa. Na attitude de os prender, aos dois, no mesmo cinto de ferro e vingança, os seus braços encravilhavam-se, tenazes e implacaveis, tentando estrangula-los com a mesma certeza de um garrote, dando-os á morte como cães. Mas n'um momento as mãos chocavam-se-lhe, doridas; e então, mordendo o fato, despenhando-se para as lages e chorando de impotencia e cio, uivava e rojava-se como um lobo cervil, a esvormar, desnorreado, as suas pragas, a chama intensa do seu ciume, o seu odio, os seus carinhos — baldadamente, a sua infinita miseria de alma e corpo.

Tonto e sujo de sangue e poeira, entrou na



Depois, ferido e atordoado, rodou aos bordos para casa.

Pelo caminho suspeito, no qual as arvores se moldavam n'uma muralha de verdura negra e só ao alto, nos topos, se molhavam, leves e verdes, do raro luar d'aquela noite, João ferrador foi tropeçando de rebo em rebo, humidos da orvalhada, a apostrotar com odio e desequilibrio, n'uma confusão de imagens e de factos deploravel, o parceiro da bisca e os amantes desaparecidos da sua historia tragica.

De momento a momento o alcool excitava-o, confundindo-o n'aquela lembrança obsessiva e odiosa do seu coração que sangrava de viva amargura desde a manhã desgraçada de ha tres anos. Com o chapéu caído a um lado, o ventre impado e as pernas dobrando para traz, a equilibrarem-lhe todo o corpo tosco e desinergico, pa-

estrada — sobre que uma lua baça iluminava a grande linha branca do pó crespo e moído, fundindo os campos na sombra.

Então, com os olhos pisados do vinho e uma onda de baba resvalando-lhe ao canto grosso da boca, vinha lembrando a mulher — essa beleza de frescura e acio da adúltera — que lhe fazia apertar os cabelos em massa sobre a fronte e parar-se a ranger os dentes de despeito e ciúme. Com uma graça maior via-a agora despida e abraçada a ele, em brincos, como em certa noite de S. João, ha muitos anos. E um uivo atroz, uivo prelongado de fera, coava-se pela sua boca enegrecida e empapada de cuspos, ao mesmo tempo, tambem, que lhe voltava á lembrança o barulho da tasca e logo torçava equilibrar as pernas, voltar atraz, áquele que estava mais proximo, e cravar com a mesma mão fechada e violenta a navalha comprida e recurva que havia

tres anos trazia no bolso, noite e dia, de reserva para primeira desforra.

Mas as pernas, então, negavam-se-lhe a voltarem; e aos bordos, cada vez mais desorientado, veio cambaleando para sua casa á borda da estrada, n'um peso de corpo monstruoso, a que o forçava o sono e a bebedeira, roncando ás vezes monosíbalos toscos e vagos, e desenhando gestos que logo interrompia, para se equilibrar no corpo raláço de trambolho.

E mais pesado, com as pernas prezas á terra, recitava aquela sua unica frase, a eterna:

—Ele ha de ser um dia...

Quando encontrou a pousada rolou n'uns seixos mal seguros, e foi de ventas á porta, que cedeu.

Dentro, umas brazas abstraíam-se sobre a pedra da lareira, amornando o caldo que a sogra n'aquella noite, como sempre que podia, ali d'ixára á espera que ele voltasse para aquella lembrança de amizade, na amargura que igualmente os torturava.

João ferrador, aos bordos, cerrou a porta com estrondo. Na sombra cerrada e espessa apenas as

outros objetos, o leito e o escabelo, surgiram-lhe e a pouco e pouco, fixando-se. E logo lhe luziram-lhe os olhos com um entusiasmo singular, quando, ao olhar a barra do fórn de cosedura, viu dois ovos descaçando junto de uma malga vidrada e repleta de azeite.

Então os dentes abriram-se-lhe de contentamento, grandes como os de um animal selvagem!

Inquieto e com esforço, arrancou maravilhas de entusiasmo ao peso de pedra do seu corpo, para se apressar a figir, indiferente a meio da mescla confusa dos sentimentos que o haviam tomado n'aquella noite com expressões tão diversas. Quasi de rastos sobre a lareira, e suado, conseguiu erguer o pannelo de barro de sobre a trempe; o tacho de ferro estremeceu-lhe por muito tempo na mão nervosa do vício, antes que pudesse coloca-lo ao lume; e decidiu-se: poisou os ovos sobre a lareira com um esforço de cuidados que lhe punham a cabeça á roda. Repousando um pouco, teve a ilusão, n'esse momento, de que voltava a si e bom. Mas de novo aprisionado, nervosamente, no meio d'essa extraordinária



brazas, veladas de cinza, ficaram olhando. Abriam-se-lhe os olhos n'elas, como n'uma atração. Depois, por um motivo qualquer, confuso e comico, desatou a chorar com a sinceridade de uma criança. As lagrimas corriam-lhe nas faces tão cobertas como por morte de algum afeto profundo. Mas logo mudou de expressão; e era outra vez um ranger de dentes estranhamente repetido, de uma dureza cruel e perigosa, que parecia a de alguém que estivesse gosando; com as mãos alagadas de sangue, o delicioso prazer de matar, de retalhar e morder.

Tonto, encostou-se á parede, n'um olhar suspeito sobre as brazas, presa de um pensamento a um tempo ardente e profundo.

Habituaados á escuridão, a pouco e pouco os seus olhos foram tateando a mascara obscura d'aquelle presidio abjecto, onde apenas levava as noites. As loiças, quietas sobre a pedra do barreleiro de pedra, foram-se revelando a miudo; ao lado luziu-lhe a cabaça do vinagre sobre a portada do forno;

ria cautela de não entornar o azeite, começaram-lhe os sentidos outra vez a esvaír-se-lhe e a malga a estremece-lhe nas mãos impotentes de alcoolico. Fez um esforço sobre si proprio. A cabeça ardia-lhe prodigiosamente. Mas não podia, ia cair. N'esse instante, uma impressão de estontamento fel-o despenhar a malga do azeite sobre as brazas adormecidas e ir rolar, de face, sobre o cadurme. Como por encanto, uma chama amarela e enorme, maior ainda com o seu halito infecto de alcoolico, se arvorou como uma bandeira, envolvendo-o.

De modo que a morte veio a ser para ele um remedio santificado!...

ALFREDO GUIMARÃES.



# Belas Artes



1. O professor Francisco Bahia (quadro de Veloso Salgado).—2. A filha de Veloso Salgado (quadro do mesmo artista).

Na reportagem fotografica, que a «Ilustração Portuguesa» fez da Exposição Nacional de Belas Artes, não saíram com o devido relevo tres obras primas do ilustre pintor sr. Veloso Salgado que hoje arquivamos n'esta pagina como homenagem a um dos nossos maiores mestres. São os retratos do notavel professor de piano e diretor da Escola de Musica do Conservatorio, sr. Francisco Bahia, e dos interessantes filhos do talentoso pintor, a menina Maria Lina Veloso Salgado e o menino José de Melo Veloso Salgado. São tres formosas telas em que o desenho, o colorido e a expressão dão singular vida e relevo ás figuras.

E n'esta mesma pagina é de justiça que se archive o retrato a oleo do falecido estadista



O falecido estadista Eduardo Vilaça (Trabalho primoroso de Francisco Romano Esteves).



O filho do grande pintor Veloso Salgado (quadro do mesmo artista).

Eduardo Vilaça, valioso trabalho do sr. Francisco Romano Esteves, que foi discipulo de Columbano e é hoje um dos novos pintores de mais largo futuro.



## O concerto de Manuel Gomes

### No SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

O concerto promovido pelo habil professor de bandolim, sr. Manuel Gomes, é um dos que tem tido mais variado programa, porque esse instrumento foi sempre, ora acompanhado de piano, ora alternado com ele, tendo também a elegante assistência o prazer de ouvir trechos de quatro operas, «Madame Buturfly», «Aida», «Tosca» e «Forza del Destino», deliciosamente cantados por madame Isaura de Miranda Aguiar Maia, que com a sua bela voz de soprano dramatico arrebatou o auditorio e confirmou mais uma vez os largos créditos do seu abalisado professor, o maestro Artur Trindade.

Os discipulos e discipulas do sr. Gomes arrancaram do bandolim acordes vibrantes de sentimento e de expressão, de que muitos não julgam capaz esse instrumento. E, se nos fosse permitido especifical-o, fal-o-hiamos á «Scene de Ballet, de Beriot, executada por mesdemoiselles Carlinda e Guiomar Ferreira da Cunha, que provaram bem que o bandolim não tem menos «alma» do que o piano ou o violino. A questão é sabel-a acordar.

De justiça é tambem mencionar que as discipulas das distintas professoras de piano sr.<sup>as</sup> D. Carolina Ferreira, D. Eugenia Magro, D. Maria Carolina de Oliveira e do não menos disinto professor sr. Carlos Gonçalves, que tomaram parte no concerto, tambem foram muito aplaudidas pelos seus progressos.



1. Sr.<sup>a</sup> D. Carlinda Cunha. 2. Sr. Manuel Gomes. 3. Sr.<sup>a</sup> D. Isaura de Miranda Aguiar. 4. Sr. José da Cunha. 5. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Izabel Ferreira. 6. Sr.<sup>a</sup> D. Dacia Gomes. 7. Sr.<sup>a</sup> D. Dullia Correia Leite. 8. Menino Kurt Luistorp. 9. Sr. Hugo Reinhardt. 10. Sr.<sup>a</sup> D. Carmen Corrêa Lel e. 11. Sr.<sup>a</sup> D. Ester Mala Lamarão. 12. Sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Dias da Silva (Sameiro). 13. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Andrade d'Almeida. 14. Sr.<sup>a</sup> D. Guiomar da Cunha. 15. Sr.<sup>a</sup> D. Berta Marques. 16. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia Marques. 17. Sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Ferreira da Cunha





No concerto Manuel Gomes: A sr.<sup>a</sup> D. Isaura d'Agular Mala que c'ntou brilhantemente trechos de quatro operas, acompanhada ao piano pela sr.<sup>a</sup> D. Sofia de Brito Freire.



Um trecho da seleta assistencia ao concerto.

(«Clichés» de Benolle)

# Flôr da Rua



Quando tu passas, morena,  
Na minha rua á tardinha,  
A saia curta, pequena,  
Arregaçada um nadinha;  
Eu fico sempre pensando  
Que pezar oculto existe  
N'esse teu olhar tão brando,  
N'esse teu sorriso triste.

Quando passas á tardinha  
De olhos fitos no chão,  
Meu pensamento adivinha  
O fogo vil da paixão,  
Que germinando em teu peito  
Na sua vertigem louca,  
Te reteve já no leito,  
E desmaiou tua boca.

Mantilha negra, singela,  
Outra não passa na rua,  
E na candidez tão bela  
Do teu seio que flutua,

Eu não sei o que palpita:  
Se a chama d'algum desejo,  
Se a tua alma contrita,  
Ou se os vestígios d'um beijo.

A palidez do teu rosto,  
Os olhos negros singelos,  
Tem a expressão de desgosto  
De mil cuidados, disvelos;  
Ai!... se falassem teus dedos  
De tão fininhos que são  
Eles diriam segredos  
Talvez d'um lar sem ter pão!

Quantas noites, altas horas,  
A' luz escassa que morre,  
Sosinha, tu te demoras  
A ver a linha que corre;  
Pende-te o rosto cançado,  
Mas lá vaes continuando  
Ao ouvires n'alcôva ao lado  
Tres irmãozitos chorando.

Como um lírio virginal,  
Branco, risonho, jocundo,  
Vive exposto ao vendaval,  
Assim tu vives no mundo.  
Um dia o vento soprando  
Vergará o tronco puro,  
E o lírio branco, tombando,  
Irá roçar o monturo!

Todos olham e te fitam,  
As tuas formas se alvejam;  
Quantas coisas premeditam...  
Lobos que ovelha farejam.

.....  
E uma lagrima serena  
Pelas minhas faces caminha,  
Quando tu passas, morena,  
Na minha rua á tardinha.

Da «LIRA DA MINHA RUA»  
no prelo.

ARMANDO FERREIRA.

# De Paris

Eles são, no unanime consenso do «tout-Paris», admiráveis, brancos, d'uma pele imaculada e fina, uns dedos longos, esguios, como usam tê-los nas mãos as pessoas de raça, e umas unhas talhadas com esmero onde um «rouge cerise» cintila em destaque violento sobre a brancura diafana da pele. São como aqueles que o poeta brasileiro Luiz Rosa cantava:

Dols pés lão leves que a gente em vendi-os, todo tremente, queda-se logo a cismar-se vêm das leiras singelas, se eles são feitos d'estrelas, ou se são feitos de luar.

Mas pés como esses não são vulgares, mesmo

«Mademoiselle» Jane Provost, lançando a moda dos pés nus.  
(«Gliché» Reutlinger).

## Pés nus

Acaso «mademoiselle» Jane Provost se pode fazer alguma ilusão sobre o sucesso da moda dos pés nus que tão ousadamente ela acaba de lançar? Oh, não! A linda transfuga da Comédie Française — cujo exito nos palcos dos «boulevards» tem sido consideravel, — aparecendo de sandalias nos corredores dos teatros de luxo nas noites das mais mundanas «repetitions générales», sabe perfeitamente que a sua iniciativa não será seguida, não por falta de vontade, não por falta de gosto... mas por falta de pés. Assim os seus pés descalços, exhibe-os «mademoiselle» Provost como um desafio de «coquette».



O pintor brasileiro Virgílio Maurício.

continuarão rubros e duros, desgraçados... e irreduzíveis dentro das lindas meias de fina seda — que tão deliciosamente os sabem esconder.

### No "Salon"

Na primeira sala, a mais vasta do «Salon» d'este ano, figura um quadro de grandes dimensões, cujo valor é incontestavelmente considerável. Intitula-se «L'heure du goûter», mas não é, como o seu nome parece indicá-lo a reprodução, frivola e mundana, d'um «five ó clok» qualquer. É um vasto estudo de nú, feito com propriedade, com relevo, com vida, d'um colorido a que não falta nem a audácia nem o vigor. O seu autor é o pintor brasileiro sr. Virgílio Maurício, artista dos mais novos mas já dos mais ilustres do seu paiz e de cujas poderosas qualidades, afirmadas já d'uma maneira iniludível, muito certamente é licito esperar. O sr. Virgílio Maurício não enfileira na tropa fandanga dos inovadores por «parti-pris». Evidentemente que não é um imitador, evidentemente

em Paris. E ahí está porque a Moda onipotente não forçará d'esta feita os olhos de perdiz e os feios joanetes a exhibir-se á luz do sol no «Sentier de la vertu», á luz da electricidade, nas noites de «premiere». Eles

que a sua arte é bem pessoal e até bem da sua raça pela abundancia, que alguns julgarão excessiva, do «decor», pelo colorido vibrante dos adornos. Mas o artista que soube pintar aquelas figuras de mulher educou-se seguramente no estudo dos grandes mestres. E a lição que esse estudo permite receber aos que sinceramente a ele se consagram, nenhuma duvida de que o belo talento do joven artista brasileiro a soube admiravelmente assimilar.

### Madeleine Lély

O grande successo teatral d'esta epoca foi sem duvida a «Belle Aventure» de mrs. de Caillavet e de Flers. Foi e está sendo. A linda comedia, que já ha muito dobrou galhardamente o cabo das 100 representações continua em pleno exito. As receitas não afroixam. E os estrangeiros da «saison» confirmam sobre os meritos da peça a opinião lisongeira que sobre ella o publico parisiense tem sabido demonstrar. D'esse successo compartilha, em larguissima escala, a adoravel artista, conscienciosae fina que é «mademoiselle» Madeleine Lély. A interprete tão comovente das ultimas peças de Bernstein

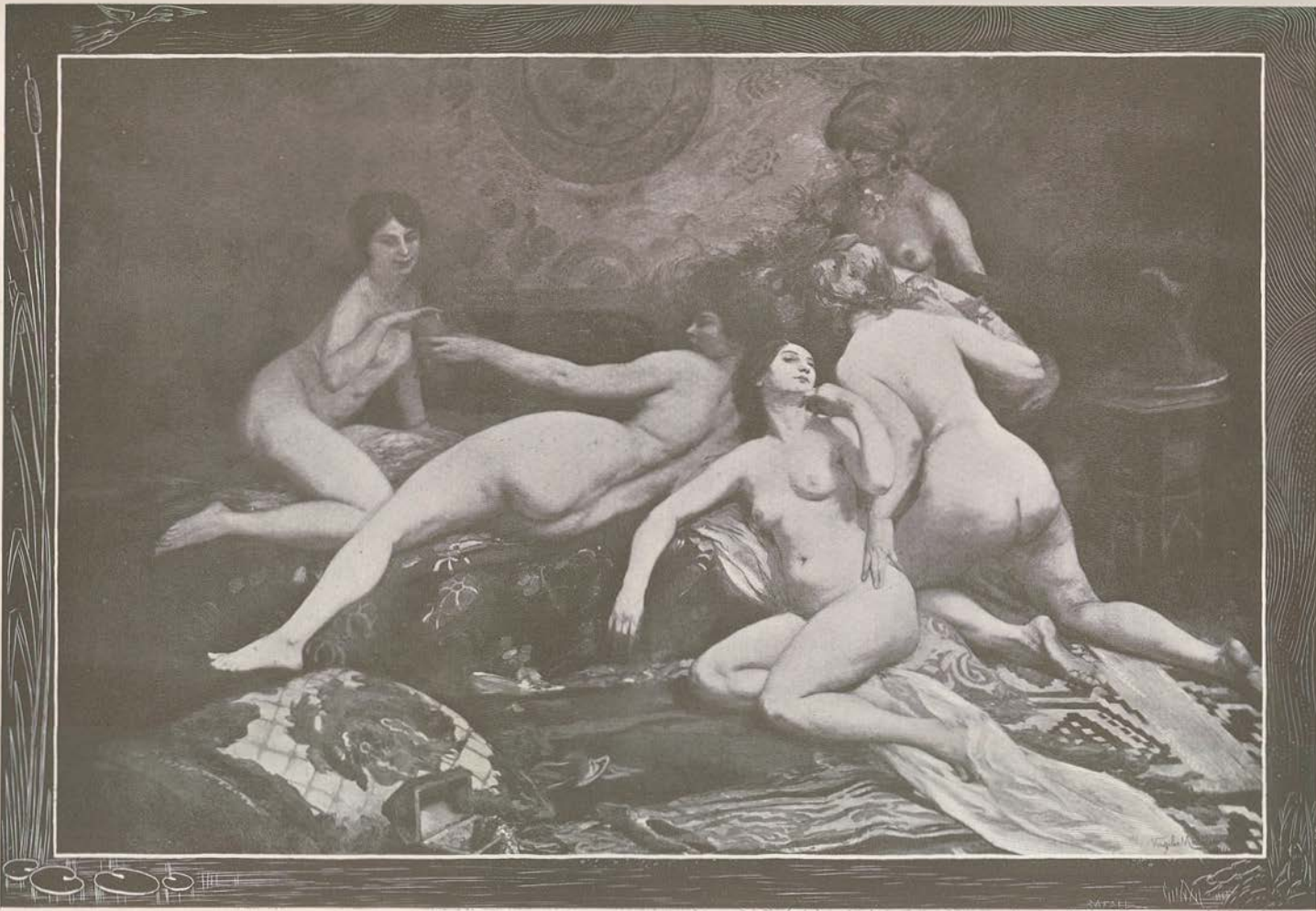


Mademoiselle Madeleine Lély, a protagonista de *La Belle Aventure*.—(Cliché Reutlinger)

tem na comedia, agora em cena no Vaudeville, uma creação d'um genero diferente mas em nada inferior a essas que a precederam. «Mademoiselle» Lély é hoje uma das grandes vedetas de Paris.

Paris, Maio.

P. O.



«L'heure du goûters», quadro de Virgilio Maurício.

## Batalha de flôres no Porto



Duas coisas contribuíram para que não resultasse tão brilhante como se esperava esta festa recentemente realizada no Palacio de Cristal, do Porto: o mau tempo e a má orientação dos seus organizadores. Não obstante, a extensa Avenida das Tílias, onde se alinhavam os camarotes e tribunas, encheu-se d'um publico seletto e numerosissimo, em que sobresaíam senhoras da nossa primeira sociedade, elegantissimas nas suas vistosas e garridas «toilettes» da primavera.

N'aquelle dia nevoento, batido por vezes de chuveiros,



1. Carro do sr. Antonio Glama que obteve o 3.º premio.—2. Na espectraliva.—3. Um trecho da assistencia.

o Palacio ofrecia um aspecto desusado, extraordinariamente movimentado, não atraindo ali nenhuma festa ha anos tão enorme e distinta concorrencia.

E para satisfazer a natural ansiedade de toda aquela gente, appareceram apenas 6 carros, 2 orna-



A assistencia á batalha das flôres

lheiros; Francisco Ferreira de Lima e dr. Matheus d'Oliveira Monteiro, com senhoras; Domingos Nascimento e Bigonha com senhoras e cavalheiros. Jogaram-se durante algum tempo, mas com pouca animação, serpentinas, confetti, flôres, bonbons e



Outro aspeto da assistencia

mentados a fantasia, 2 com arbuscos, 2 com outros 2 com ligeiros enfeites.

Pertenciam esses carros aos srs. Antonio Eduardo Glama, conduzindo senhoras da familia Macambira; Joaquim Braz, distinto «sportman», conduzindo diversos cava-



Carro do sr. Ferreira da Silva, que obteve o 1.º premio

cartonagens.

Os premios a conferir constavam d'uma taça de prata e de objetos d'arte. Foram assim distribuidos: o 1.º ao sr. Ferreira de Lima; 2.º ao sr. Domingos do Nascimento; 3.º ao sr. Antonio Glama; 4.º ao sr. dr. Mateus d'Oliveira Monteiro.

(«Clíchés» Alvaro Martins).

# A Festa da Arvore

A festa da arvore em Celorico da Beira, ha dias realisada, não deixou de ter a importancia e de ser feita com o entusiasmo habitual em cerimoniaes d'este genero que o paiz se dotou, sobretudo depois da propaganda acertadamente feita pelo «Seculo Agricola» n'um largo intuito de bons resultados.

N'esta vila houve o cortejo civico habitual no qual se incorporaram todas as autoridades tendo vindo tambem muita gente dos arredores e formando assim um nucleo que



ouviu e aplaudiu os oradores ao enaltecerem essa obra admiravel de educação.

Celorico da Beira, com o seu pitoresco a sua importancia commercial, a sua vida agricola notavel honra admiravelmente a sua categoria d'uma das principaes vilas do paiz, seguindo a iniciativa magnifica que nos dá a nota d'um povo culto, dedicado entusiasticamente a todas as manifestações de bondades de carinho.

de. O sr. dr. Luiz Ramires, no seu discurso, poz bem em evidencia a utilidade d'esse culto cheio de carinho.



1. Em Celorico da Beira: A festa da arvore. O sr. dr. Luiz Ramires discursando no largo de Santa Maria.
2. Depois do bode a quatrocentas creanças das escolas que se realisou no mercado do queijo de Celorico. O sr. dr. Luiz Ramires X administrador do concelho e presidente da comissão da festa. («Clichés» do ditinto amador sr. A. Cunha)



## EM ALEMQUER

E' lindo o rio d'Alemquer que vem cantando entre fragas e margens pitorescas. Trecho verdadeiramente notavel, com as seus famosos arvoredos n'um ponto, com os seus penedos altos n'outros, fica ainda assim um pouco ignorado á falta de quem lhe tenha propagandeado as belezas.

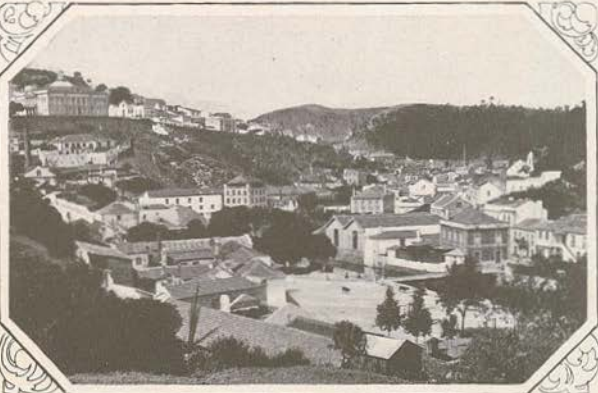
De resto é o que succede a alguns dos mais formosos logares do paiz que só uma diminuta porção de conhecedores gosa e que afastados dos meios de transporte não teem o numero de visitantes que as suas belezas mereciam.

Do alto da serra do Monte-junto descendo por seis kilometros de paisagem pitoresca vem o rio até

á vila trazendo consigo as aguas da Fonte da Perenal e outras banhando os belos campos de Vila Nova da Rainha, Castanheira e Paul d'Alta.

Nove pontes de pedra, sendo cinco na vila, sobre ele se atravessam, destacando-se pela sua beleza e originalidade a da Couraça e pela sua vetustez a do Espírito Santo e que foi mandada fazer por D. Sebastião.

Vae desaguar o famoso rio, de cujas margens publicamos algumas fotografias, junto a Vila Nova da Rainha depois d'um curso de doze kilometros.



Vista parcial d'Alemquer



Ponte das aguas

(«Clichês» do distinto amator sr. Simão Batoreu).



Banho velho.



Um trecho da ribeira de Alemquer  
(-Clichés do distinto amador sr. Simão Batoreu).

# Um pic-nic em Roma



Realizou-se ultimamente em Roma um elegante e animado «pic-nic» em que tomaram parte os socios e suas familias do «Tennis Club Parioli», que, no mundo desportivo da «Cidade Eterna», ocupa um logar importantissimo.

A esta brilhantissima festa referiram-se detalhadamente todos os jornaes de Roma, pois o «pic-nic» do «Tennis-Club Parioli» constituiu uma autentica festa mundana.

O correspondente em Roma da «Ilustração Portuguesa» enviou-nos algumas fotografias tiradas no decorrer do aristocratico e animadissimo «pic-nic», que nos pareceu interessante reproduzir.



1. Alegres convives. 2. Duas elegantes no «pic-nic». 3. Depois do «pic-nic» e do baile.



1. Ao café.—2. Prontos para o regresso.



3. Uma valsa animada



O «pic-nic», para ser a côr local, foi organizado nos campos «de i Parioli», onde, como já sabem os leitores da «Ilustração Portuguesa», se efetuam habitualmente e em Roma as corridas de cavalos; e foi organizado, convirá notar, para comemorar o encerramento da época das mesmas corridas, já que a grande maioria dos socios do «Tenis Club Parioli» é frequentadora assidua do hipodromo.

As nossas fotografias dão uma ideia da linda festa mun-

dana e mostram, assim, alguns dos seus mais interessantes aspetos.

Apesar de se tratar d'um simples «pic-nic», as damas não se esqueceram d'exibir magnificas e caprichosas «toilettes» pro-



1. Em plena festa. 2. Noticias de longe.

prias da estação — aquelas caprichosas «toilettes» que a moda este ano lançou e que, provavelmente, não surpreendem as nossas gentilíssimas leitoras.

De facto — é preciso affirmar — Lisboa é já hoje uma cidade elegante, onde as damas se vestem com requintado bom gosto. Apesar do costume, muito portuguez, criticar tudo quanto é nacional, Lisboa, sob tal ponto de vista, pouco ou nada deve invejar ás grandes capitães europeias.

Os afamados «costumiêrs» de

Paris, Londres, Berlim e Viena, que ditam a Moda ao mundo — esta é a verdade — são já em Lisboa muito conhecidos e até muito bem imitados...

## A colheita da cortiça

A cortiça tem uma grande importância na vida nacional, pôde dizer-se mesmo que por vezes as suas descidas e subidas a tem perturbado agitando a classe que a trata. Alemtejo além, em vastos campos de cultura, o sobreiro alonga os seus ramos e mostra a fartura na sua casca preciosa que se exporta para toda a Europa.

Veem dos campos onde os operarios a cortam em bruto para as officinas. Raspam-lhe a casca exterior, atiram-na a grandes tanques para ser cozida emquanto n'outras officinas aparam a materia



prima com ferramentas afiadas para logo as conduzirem aos armazens ficando cognominada desde então de cortiça em prancha.

N'outras officinas divide-se em tiras que tem o nome de rabanadas passando então para as mãos dos quadradores até entrar na maquina e fazer-se a roilha que é lavada antes de entrar no mercado. Esta é a laboração nas fabricas havendo empregados n'esses serviços milhares d'operarios por todo o paiz.

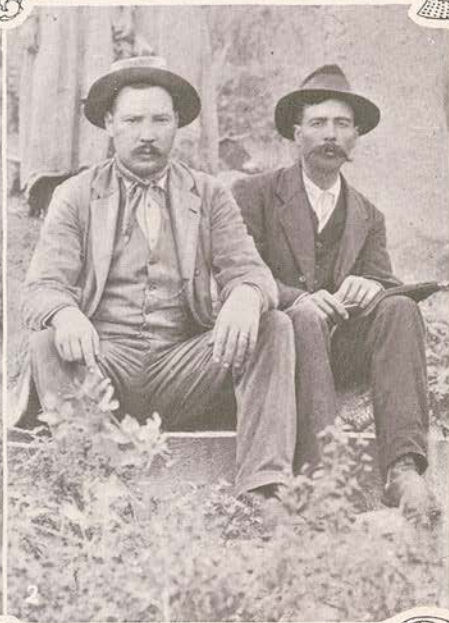
Além d'isso ha os que trabalham em casa e vão levar as rolhas aos fabricantes venden-



1. A colheita da cortiça nos sobreiros do abastado agricultor sr. Cartonolano dos Reis de Vale de Figueira, Pesqueira: a tiragem da cortiça d'um sobreiro. 2. Condução da cortiça dos sobreiros para a estação da Ferradosa.

do-as á groza sendo tambem empregado grande numero de mulheres n'essa tarefa da escolha e mesmo do corte da rolha uma das mais uteis applicações da cor-

As fabricas portuguezas mais importantes estão nas regiões da Outra Banda, havendo grande numero de industriaes estrangeiros que exploram essa riqueza liga



1. Tiragem da cortica d'um sobreiro, a qual pesou vinte e cinco arrobas e tres kilos. 2. Os compradores da cortica sr. Luciano Augusto Loureiro e Manuel Guedes Cardoso capitalista da Lavandeira (Carrazada d'Ançiães)

tiça que se vae colhendo em maior escala pelos montados alentejanos.

Por toda a Europa tambem a colheita se faz sendo enormissima a classe dos corticeiros quasi sempre em conflito com a capital diante das suas condições de trabalho.



3. Grupo de operarios e operarias tiradores de cortica. («Clichés» do distinto amador sr. A. S. Fontes, de Pesqueira)

dos diretamente com os grandes mercados e com as casas que colocam esse produto diretamente nos meios onde tem o seu emprego e onde se necessita d'ela d'uma enorme abundancia. Portugal contribue muito para o abastecimento d'esses mercados.



## Romarias do Norte

### Senhora da Hora

E' esta, para os portuenses, a primeira festa da primavera. N'um local magnifico, de paisagem luxuriante, a dois kilometros da cidade, osromeiros reúnem-se em grandes bandos, cantando e dançando, n'uma alegria doída.

A romaria não tem grandes atrativos: musica, foguetes, um singelo arraial, e nada mais. A diversão, comtudo, está no passeio, sob o sol claro, ao longo das brancas estradas, e



1. A feira da louça

na apetitosa merenda, saboreada á sombra macia das grandes arvores.

E ao cair da noitinha, a luz crepuscular atenuando os homens e as coisas, osromeiros voltam aos seus lares, moidos, cansados, mas já pensando nas outras romarias mais proximas: O Senhor de Matosinhos, o Senhor da Pedra e a Senhora do Pilar...



2



3

2. Na hora da merenda. 2. Na feira um fotografo grita: N'um minuto... n'um minuto!  
(«Clíchés» Alvaro Martins).

## FIGURAS E FACTOS



aprenderam a lêr. O chefe do Estado depois de premiar os que souberam mostrar o seu valor nas provas desportivas mandou perdoar todos os castigos disciplinares. Mais de quatro mil pessoas assistiram a essa festa que as deixou muito bem impressionadas.

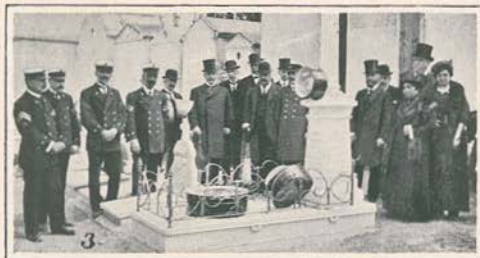
O sr. dr. Rodrigues Braga foi um distinto clinico e deixou uma tradição de bondade inex-



O juramento de bandeiras no quartel de marinheiros foi revestido d'uma grande importancia tendo assistido o Presidente da Republica e o ministro da marinha que verificaram a boa disposição das praças e as suas aptidões tecnicas.

Fizeram-se provas desportivas sendo concedidos premios aos que mais se distinguiram, provando-se pelo relatório oficial d'instrução literaria que havendo, entre duzentos e cinco recrutas, cento e vinte e dois analfabetos, apenas cinco d'estes não

cedivel. Rodeara-se de simpatias o medico da expedição á Africa feita sob a direção de Antonio Enes, de quem sempre ficou companheiro dedicado. Uma comissão d'esses saudosos amigos que deixou, fez trasladar o seu corpo do jazigo municipal para um particular construido por subscrição.



Os alunos da Escola Pratica de Comercio de que é diretor o sr. Horacio Inglez Tavares visitaram as oficinas do «Seculo», hoje as melhores do paiz no seu genero, levando duas horas a percorrel-as e tirando da sua visita uma utilissima lição. Foram acompanhados pelo engenheiro sr. Sá Carneiro que dirige a parte tecnica do «Seculo» e pelo fiscal sr. Faisca que lhes prestaram todas as explicações.



1. A leitura da alocução aos marinheiros pelo 1.º tenente sr. Diniz, ajudante do corpo.—2. O chefe d'Estado e o ministro da marinha passando em revista os marinheiros.—3. A trasladação das ossadas do illustre medico sr. dr. Antonio Rodrigues Braga no cemiterio do Alto de S. João e que foi promovida por uma comissão de amigos e condiscipulos do finado.—4. A visita dos alunos da Escola Pratica do Comercio ás oficinas do «Seculo».—(Clilhés, Benollel).

**Pedro Fernandes Tomaz.**—

Latinista, humanista, biógrafo, arqueólogo, jornalista, apaixonado colecionador do nosso «folklore» e de tudo o que se prende ás tradições pátrias, nomeadamente ás de Coimbra, onde estudou e ás da Figueira da Foz, onde nasceu e reside, oriundo d'uma familia de patriotas, de sábios e d'artistas, o sr. Pedro Fernandes Tomaz, que tem redigido varios jornaes e revistas, que fundou e dirigiu durante 22 anos a «Gazeta da Figueira», que colaborou no «Portugalia» e nos boletins da «Sociedade Arqueologica Santos Rocha», autor do «A Figueira e a Invasão Franceza» e da «Historia do Conselho da Figueira», acaba de publicar em bela edição de França Amado, de Coimbra, «Velhas Canções e Romances Populares», livro que o sr. Antonio Arroio brilhantemente prefacia, e



que é uma preciosa contribuição para o «folklore» nacional.

**Juan Casaux.**—Nas elegantes festas oferecidas pelo notavel escultor do Porto, sr. Teixeira Lopes e de que a «Ilustração» tem reproduzido interessantes aspectos, tem tomado parte o talentoso violoncellista hespanhol D. Juan Casaux, que na capital do norte goza do mais alto aprecio pelas suas qualidades de homem e de artista. Na ultima d'essas festas oferecida ao embaixador do Brazil tomou parte, conjuntamente com Augusto Rosa e Chabi Pinheiro, e em outras muitas festas nos salões da primeira sociedade portuense tem tocado ao lado do grande artista Moreira de Sá, recebendo applausos que o consagram indubitavelmente como um dos primeiros violoncellistas que ha entre nós.



1. Sr. Pedro Fernandes Tomaz, autor do livro «Velhas Canções» e «Romances Populares Portuguezes».—2. O illustre violoncellista sr. Juan Casaux.—3. O consorcio do sr. Jacinto Moreira e Silva com a sr.<sup>a</sup> D. Olimpia Ester Duarte que se realisou na igreja de Bem-



fica. («Cliché» do distinto fotografo amator sr. José Gorjão.—3. Sr. Antonio Antunes Tomé comerciante falecido, em Lisboa.—4. Sr. José Vicente da Silva, sogro do sr. Norton de Matos, governador geral de Angola, falecido em Arcos.—5. O sr. Manuel Enes Feltrin, falecido em Lisboa.—6. O grande benemerito conego sr. José Maria Loureiro, falecido em Cascaes.—7. Sr. Romeno Fernandes d'Oliveira, diretor da fabrica de gaz da Povoia de Varzim e all falecido.—8. Sr. Pedro Machado, falecido em Lisboa.—10. Aspetto do «pic-nic» realisado na Serra d'Ossa por um grupo de Estremocenses.

O grande ator José Carlos dos Santos, pae de Carlos Santos, que foi um dos mestres do teatro portuguez e deixou um lugar imprezchível na cena, teve na casa dos seus triunfos, o Teatro Nacional, a consagração d'uma vida d'arte pura. José Carlos dos Santos pertencia á pleiade de que faziam parte Antonio Pedro, Tasso, Pola, os grandes que com Manuela Rey e Emilia das Neves chegaram a crear fanatismos. N'essa epoca em que um publico devotado á arte tinha pelos artistas uma incondicional admiração, estes e outros recebiam as mais inequivocas provas de estima e era quasi carinhosamente que os aplaudiam.



O busto do ator José Carlos dos Santos inaugurado no Teatro Nacional.

Um dia chegou a cegueira áquele que na cena portugueza fizera brilhar os mais belos olhos e o artista teve que se recolher ao seu lar com a saudade profunda do teatro, do publico, da vida de labuta a que se habituara. O seu logar, porém, ficou altamente marcado no teatro portuguez a que deu todas as suas afeições creando até uma familia d'artistas. Casado com Amelia Vieira, uma grande atriz, pae de Carlos Santos um ator distinto, o vulto inolvidavel do ilustre artista teve ao menos nas horas amargas os seus a mal-o.

O busto de José Carlos dos Santos, que foi colocado no teatro Nacional, foi feito por Costa Mota, sobrinho.



2. Os alunos da Escola de Guerra em comissão de estudo na Coudelaria Militar. Ao centro o comandante da Coudelaria, capitão sr. Camara e o capitão sr. Moraes sarmiento. - (Cliche) do distinto amador sr. Antonio Rodrigues Brazão.

3. Exercícios de telegrafia sem fios em Santarem.



4. As Internadas e educandas do Recolhimento das Meninas Desamparadas do Porto, uma das mais belas instituições de caridade da capital do norte.



1. No aniversário do Jardim Zoológico: Depois da festa a que assistiram os srs. ministros d'Instrução, da marinha e das colonias, presidente da camara, governador civil e a direcção do Jardim.  
2. O quadro novo da revista «31» em cena no teatro da Rua dos Condes.

A cantora portuguesa Emilia Rodrigues foi discipula de madame Palhares e estreou-se no Coliseu dos Recreios na opera «Sonambula» devido ao interesse que o empresario sr. Antonio Santos tem demonstrado pelos artistas nacionaes, facilitando-lhes o inicio das suas carreiras durante a temporada lirica. Emilia Rodrigues mostrou ser um belo «soprano ligeiro e recebeu os aplausos do publico que a escudou.



3. A cantora portuguesa Emilia Rodrigues, discipula de madame Palhares que se estreou no Coliseu dos Recreios na opera «Sonambula».—  
4.—Sr.<sup>a</sup> D. Izabel Bernaud de Bulhão Pato, viuva do grande poeta Bu-

Faleceu a viuva do grande poeta Bulhão Pato, a estremosa companheira do glorioso vate, e sua estremecida amiga de todas as horas incertas que passam na vida homens de talento. Pouco resistiu ao desaparecimento do seu companheiro de largos anos, aquella que foi uma virtuosa e digna senhora, a mesma bondade personificada. A sr.<sup>a</sup> D. Isabel Bernaud de Bulhão Pato deixou muitas saudades; a sua morte foi profundamente sentida.



lhão Pato e que faleceu no Monte de Caparica. 5. Aspêto do desafio de «foot-ball» entre escossezes e portuguezes em Palhavã e a que assistiram cinco mil pessoas. 6. Os jogadores escossezes do grupo Third Lanark que venceu o «team» mixto Sporting e Imperio por 9 «goals» contra 0. («Cliches» de Benoit).



Os alunos do distinto professor de canto maestro sr. Artur Trindade que se exhibiram no Conservatorio de Lisboa n'uma brilhante festa d'arte ccm o seu professor e madame Margherita Trindade

1.º plano, da esquerda para a direita: D. Ermelinda Mota, D. Ludovina Macleira, D. Socorro Bastos, D. Samaritana Machado, D. Margherita Mornate Trindade, D. Hilarina Melo Abreu, D. Ema Cordelro, D. Regina Sette, D. Elisa Guedes, D.

Manuela Pinto Bastos.—2.º plano: Sr. José Felo, Sr.ª D. Vera Carneiro, D. Izabel Brazas, D. Fernanda Gaspar, D. Josefina Mota, sr. Avelino Souza Lopes, sr. Arnaldo Pita Simões, sr. Abel Rodrigues.

3.º plano: — Os srs. Armando Alves, Eduardo Correia, Antonio Fernandes, Jean Longchamp, Sebastião Machado, Maestro Artur Trindade, Ruiz Rocha, José Campos, Raul Abreu, Arnaldo Machado de Souza.

# O naufragio do "Empress of Ireland"

Depois da horrível catástrofe do «Titanic», que tão grande impressão causou, veio o sinistro do «Empress of Ireland» lançar o alarme, perturbar os corações com os seus detalhes tremendos.

O «Empress of Ireland», da linha Canadá Pacifico, magnifico paquete de luxo, a bordo do qual se encontravam noventa e tres passageiros e trescentos homens d'equipagem, naufragou em São Lourenço proximo de Quebec, pelo abalroamento com outro barco, o «Storstad», norueguez, que em virtude do hevoeiro espesso o tocou, apesar de bordo do «Empress» se terem feito sinaes. A catastrophe causou um grande pavor em toda a região canadiana. O numero de mortos é de noventa e sessenta e quatro contando-se entre eles cento e quarenta habitantes de Toronto tendo tambem perdido o filho e a nora do glorioso ator inglez Irwing, tambem artistas, sir Henry Seifin Karr, antigo membro do parlamento inglez e outras distintas personagens, dando-se cenas lancinantes no tumulto para a salvção.

Mulheres, homens e creanças enrodilhadas n'aquella hora horrivel procuravam fugir, mas ao mes-



O comandante do «Empress of Ireland»

mo tempo não desejavam abandonar os seus. Depois ainda as cenas dramaticas continuavam como por exemplo a da disputa do mesmo cadaver por dois homens que julgavam reconhecer n'ele os despojos queridos da esposa.

Outras cenas lancinantes se deram como a das mães salvas enlouquecerem ao saberem que os filhinhos tinham morrido, um noivo atirando-se á agua quando viu morta a mulher querida e mil incidentes dolorosos no meio das ondas e no escuro da noite em que descia um cerrado nevoeiro.

O comandante do barco naufragado portou-se valentemente e o do «Storstad» declarou não ter

sido o culpado do sinistro tendo contribuido para a salvção dos naufragos no limite do possivel.

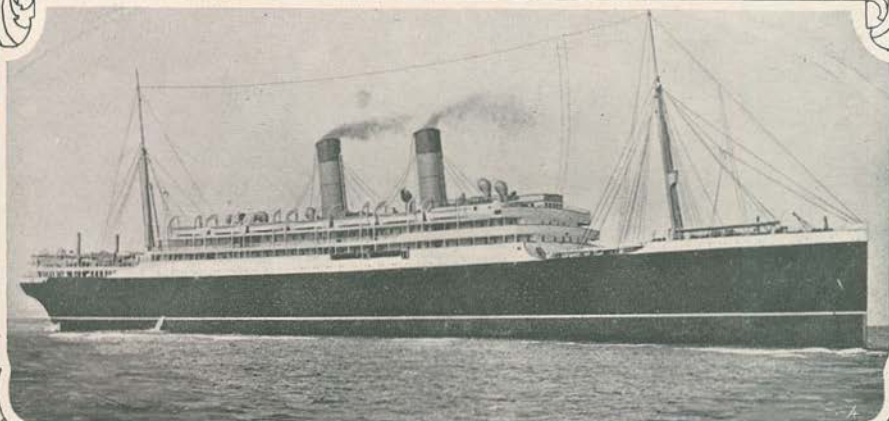
A bordo seguiam cinco milhöes de francos em barras de prata pedindo o Canadian Pacific dez milhöes de indemnisação á casa a que pertence o «Storstad» que por sua vez mil francos pelas



Madame Laurence Irwing

Mr. Laurence Irwing

tambem exige quatrocentos avarias sofridas.



O «Empress of Ireland»

# A festa dos alunos do professor de piano sr. Marcos Garin no "Salão da Ilustração Portuqueza"



A festa dos alunos do distinto professor de piano do Conservatorio sr. Marcos Garin, que se realizou no Salão da «Ilustração Portuqueza» foi das mais belas que ultimamente ali se deram demonstrando todos os executantes as belezas do metodo de ensino do seu distinto mestre.

Destacaram-se entre o grupo das alunas do sr. Garin as sr.<sup>as</sup> D. Maria de Figueiredo na execução do «Scherza» de Mendelsohn e na «Valse Folle» de Massenet, D. Cecilia Borba Costa, D. Evangelina Cardozo Teixeira e D. Emilia Gomes, além dos discipulos sr.

Antonio de Lima Fragozo e o sr. Lourenço Varela Cid Junior.

O sr. Marcos Garin, cuja proficiencia de ha muito está consagrada, recebeu com os aplausos dos ouvintes e com as carinhosas ovações dos seus discipulos, valiosissimos brindes como recordação d'essa noite em que estes ao apresentarem-se em publico colheram resultados brilhantes do ensino aturado que o seu mestre lhes ministrou fazendo ao mesmo tempo de cada um d'elles um amigo.

O professor sr. Marcos Garin que realizou um concerto no «Salão da Ilustração Portuqueza»

2. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza d'Azevedo, 3. Sr.<sup>a</sup> D. Emilia Silveira da Mota, 4. Sr.<sup>a</sup> D. Alice Graner, 5. Sr.<sup>a</sup> D. Branco Martinho, 6. Sr.<sup>a</sup> D. Evangelina Cardozo Teixeira, 7. Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Botelho, 8. Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Luz Waza d'Andrade, 9. Sr.<sup>a</sup> D. Sara Carvalho, 10. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Eduarda d'Oliveira, 11. Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus Dias de Figueiredo, 12. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Garin, 13. Sr. Antonio Lima Raposo, 14. Sr. Eurico de Figueiredo, 15. Sr. Lourenço Varela Cid, 16. Sr. Antonio Laranja Ferreira Monteiro, 17. Menção Henrique Adler, 18. Sr.<sup>a</sup> D. Isaura Monteiro, 19. Sr.<sup>a</sup> D. Mariana Gomes da Silva, 20. Sr.<sup>a</sup> D. Nibia Aneda, 21. Sr.<sup>a</sup> D. Irene Silva, 22. Sr.<sup>a</sup> D. Cecilia Borba da Costa, 23. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Joana Lopes,



# Uma "poule" á espada



No jardim do antigo palacio Braamcamp realisouse um «match» d'esgrima entre duas «equipas» de que fazem parte alguns politicos e tambem distintos esgrimistas. Assistiram a essa «poule» alguns amigos particulares e politicos dos combatentes assim como muitas senhoras. Da «equipe» verde, que foi vencida, faziam parte os srs. Alvaro Pope, Carneiro Franco, Julio Sampaio, Paiva Leren, Ferreira da Fonseca e Artur Costa:

1. As duas «equipas», os esgrimistas, srs. Alvaro Pope, Julio Sampaio, Carneiro Franco, Paiva Lere-



da vermelha, os srs. Gomes da Silva, Alvaro de Castro, Almeida Ribeiro, Eliseu de Castro, Fernando de Castro e Alberto Madureira.

O juri era composto pelos srs. dr. Afonso Costa, José Luiz Damas, Ribeira Brava, major Ferraz e José Bessa e foi ele que convidou uma das senhoras presentes a entregar a taça disputada ao esgrimista da «equipe» vermelha que foi menos tocado, o sr. Fernando de Castro.



no. Ferreira da Fonseca, Artur Costa, Gomes da Silva, Alvaro de Castro, Almeida Ribeiro, Eliseu de Castro, Fernando de Castro e Alberto Madureira e os membros do juri de que fazia parte o sr. dr. Afonso Costa.—2. Um assalto.—3. Algumas das senhoras que assistiram aos assaltos da «poule» d'esgrima.—(Cliches Benollet).

# TEATROS



1. Uma das cenas da revista «d'Alto a Baixo». No medalhão o ativo empresario sr. Lino Ferreira, que dirigiu todos os trabalhos da montagem da peça.—2. No teatro Avenida: A distinta atriz Palmira Bastos no «Amor de Mascara».

## Recita classica no Teatro Nacional

O Teatro Nacional realistou uma recita do repertorio classico portuguez, resuscitando o «Fidalgo Aprendiz», de D. Francisco Manuel de Melo, na adaptação de Julio Dantas e a «Farça de Inez Pereira» de Gil Vicente, na adaptação de Marcelino Mesquita. Sousa Pinto colaborou n'esse espectáculo, eminentemente literário e, por isso, eminentemente pouco concorrido, com uma conferencia subordinada ao titulo: «Portugal e as Portuguezas em Tirso de Molina». Sousa Pinto, erudito e artista, fez da sua preleção um modelo de cultura de espirito e de brilho de fórma.

O autor das «Magas e Histrões» é uma nobre figura moral e intellectual no nosso triste meio de vaidades. E' sempre um vivo e instrutivo prazer lê-lo—e ouvil-o.

## «AMOR DE MASCARA» no Teatro Avenida

Da intriga geral de um romance de Balzac extraiu o libretista este «Amor de Mascara» que é uma engenhosa, linda e sentimental comedia, musicada por um compositor de talento, filho da eminente Haricléa Darclée.

Uma formosa mulher procura no misterio d'um «domino» e d'uma mascara de setim branco uma maternidade discreta e livre—e entrega-se uma

noite, rosto coberto, a um homem que depois despede, sem mais formalidade.

Da singular aventura vem ao mundo um «néné». E, até que no 3.º ato, a voluptuosa protagonista da peça se dá a conhecer ao seu docil adorador, varias peripecias galantes se desenrolam, com duetos, córos, danças e muitos trinados nas gargantas. Na encenação d'este gentil «Amor de Mascara» ha a destacar alguma coisa de muito brilhante: o trabalho de Armando de Vasconcelos, que é digno de todos os elogios. E é já banal dizer-se, mas fica sempre bem não esquecer, que Palmira Bastos é a encantadora e a galante atriz de sempre.

## «D'ALTO A BAIXO», revista no Teatro Apolo

Tem mesmo muita graça, esta endiabrada caricatura de homens e de acontecimentos que o Teatro Apolo agora representa em sessões. É' uma serie de quadros, em que o espirito esfuza com uma vivacidade moça e espontanea. A destacar o quadro do ministerio, que é muito feliz.

## «TRAÇOS E TROÇAS», revista no Politeama

O Politeama poz em cena esta revista com um largo luxo de guarda roupa e de efeitos cenograficos. É' um lindo espetáculo, cheio de cor e de movimento.



1. Cena do 1.º ato da revista «Traços e Troças». Nos medalhões: á esquerda o sr. Eduardo Coelho, autor da revista; á direita o empresario sr. Luiz Pereira.—2. O grupo de bailarinas. No medalhão o empresario sr Bernardino d'Azevedo («Cliches» Benoitte).

# O Seio desenvolvido pela Electricidade

NOVO METODO RACIONAL e INOFENSIVO  
Sem emprego de droga de especie alguma



Nos peitos onde nao existem seios, a Electricidade aplicada com uma suave massagem no peito, desenvolve os musculos e produz uma nova e intensa circulação de sangue são que nutre os tecidos e os desenvolve.

Naquelas pessoas cujo Peito se amoleceu e descaiu graças a uma forma especial de massagem, a Electricidade fortalece os musculos e os torna resistentes e fortes e graças tambem ao aumento de uma circulação de sangue são, procura uma nova nutrição d'esses musculos dos seios para que conservem a sua elasticidade e dureza.

Remetem-se instruções completas.—Preço Francos 15. Réis-Portugal 78500, Réis-Brazil 218250. Enviar a importancia por Cheque ou Vale do correio ao Director do Gabinete P. S. MART.—Boulevard de Picpus, 49—PARIS



Não mais drogas.

Fotografia re-duzidissima do APARELHO DE MASSAGEM ELECTRICA. Suas dimensões são de 190 X 90 m/m. Peso 500 gramas. Com pletamente de níquel; encerrado em elegante estojo.

PÕ  
DE ABYSSINIA  
**EXIBARD**  
Sem Opio nem Morphina  
Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
Catarrho—Oppressão  
e todas affecções espasmódicas  
das vias respiratorias.  
35 Anos de Bom Exitto. - Medalhas Ouro e Prata.  
H. FERRE, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
6, Rue Dombasle, 6  
PARIS  
E BOAS PHARMACIAS

## Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

**A Melhor**

Para obtel-a exigir esta Marca



e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

## Gold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pele. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, pano, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis Para fóra acrescemos os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup>—84, Rua dos Fanqueiros. 1.<sup>o</sup>—LISBOA



## Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas o lcinas de

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo, 43—LISBOA

O sabão  
Heno de Pravia  
da casa **GAL** deixa  
a mão liza como uma luva



K. Ehrmann.